

Governadores saem enfraquecidos da eleição

JANDIRA GOUVEIA

BRASÍLIA — A experiência da votação em dois turnos, que está sendo traumática para alguns partidos, será repetida no ano que vem para a eleição de Governador e pode agravar ainda mais a situação dos chefes estaduais — os grandes derrotados da eleição presidencial. Os conchavos, alianças e negociações que estão sendo feitos para eleger o novo Presidente já podem servir como prévia da votação de outubro do próximo ano. Agora será mais fácil negociar do que em 1990, quando os interesses regionais surgirão para tornar o quadro mais complicado.

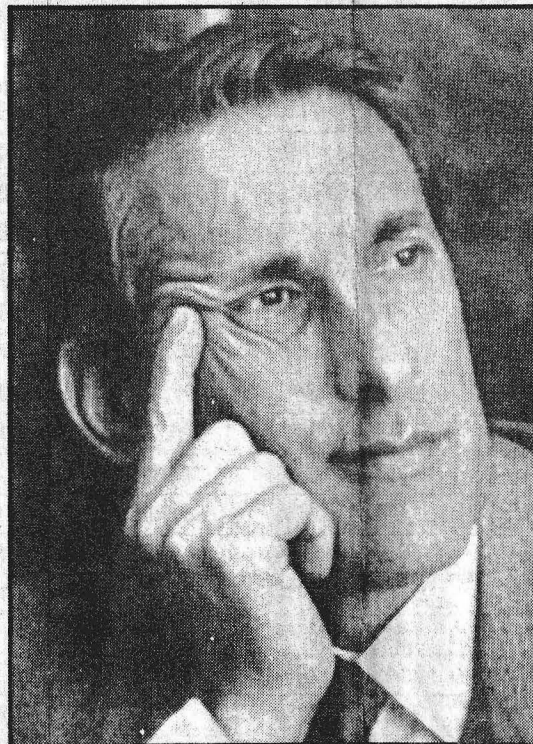
O Governador Pedro Simon talvez seja o exemplo mais bem acabado da impotência de um Governador diante da avalanche das urnas, que quase varreu o PMDB do mapa eleitoral do Rio Grande do Sul. A previsão nos meios políticos é a de que raríssimos Governadores conseguirão eleger seu sucessor. O crescimento do PT, a consolidação do PDT e o vôo dos "tucanos" devem incorporar novos personagens ao cenário eleitoral de 1990.

Nos grandes centros — como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, o quadro desenhado pelos que concorrem ao Palácio do Planalto já serve como indicativo. Se, no Rio de Janeiro, o PDT de Leonel Brizola saiu como franco favorito na disputa pelo Palácio das Laranjeiras, em São Paulo a casa vai estar dividida entre o PSDB, que terá na frente o Senador Mário Covas e sua expressiva votação do dia 15, o PDS de Paulo Maluf e o PT de Luís Inácio da Silva — que, se conseguir chegar ao Palácio do Pla-

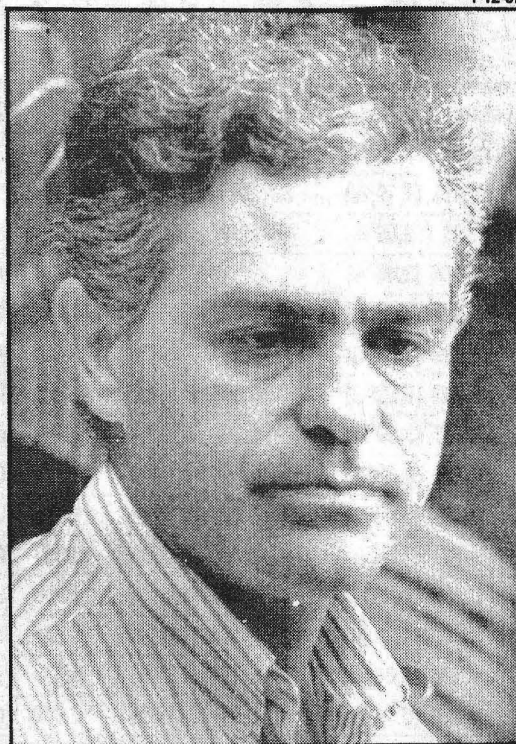
nalto, poderá levar para o Palácio dos Bandeirantes Plínio de Arruda Sampaio ou Eduardo Suplicy.

O Governador Orestes Quêrcia acabou enfraquecido em São Paulo com a multiplicação de candidatos ao Governo do Estado — aqueles que conseguiram, neste primeiro turno, melhor colocação do que o candidato do PMDB à Presidência da República, Deputado Ulysses Guimarães. O Governo de Minas Gerais, onde os tucanos conseguiram um bom desempenho, pode ficar mais próximo do Prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, e mais distante das aspirações do Governador Newton Cardoso de fazer o seu sucessor. Mas quem venceu o primeiro turno no Estado foi o candidato do PT — e é bom lembrar que, nas eleições para a Prefeitura de Belo Horizonte, o candidato do PT, Virgílio Guimarães, ficou com o segundo lugar.

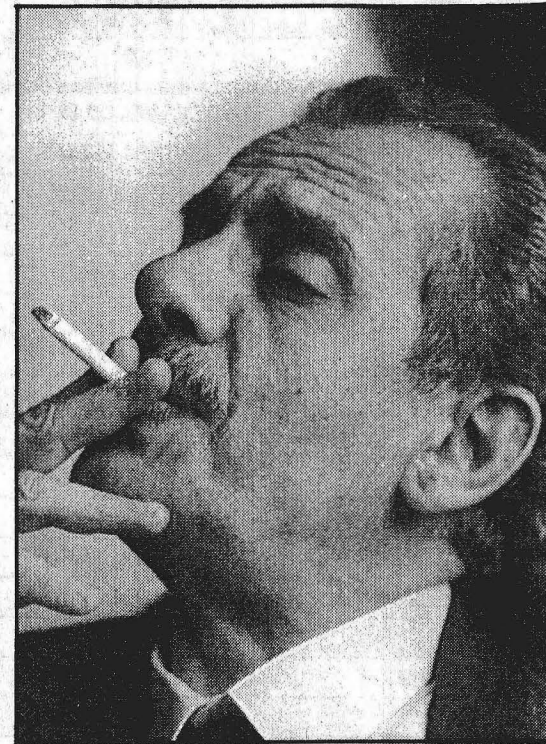
César Maia, Roberto D'Ávila, Marcello Alencar — um deles poderá ser o candidato do PDT ao Governo do Rio de Janeiro. Mas há quem garanta que César Maia integra os planos dos "tucanos", que estão de olho no Deputado, caso não lhe sobre espaço no PDT. O PT pode aproveitar o café que conseguiu nesta eleição e escolher Jorge Bittar, ou Wladimir Palmeira. O PRN não saiu na frente na votação do Rio de Janeiro, mas também se prepara para lançar o seu candidato. Márcio Fortes, Paulo Rates e até Waldir Pires, que deixou o Governo da Bahia, para disputar na chapa do Deputado Ulysses Guimarães, podem surgir como solução do PMDB para disputar o Governo do Rio de Janeiro. Candidatos não faltam, embora o PMDB, no Rio, saia ainda menor do que já era.



Quêrcia: ainda com chances, mas terá de suar



Pimenta da Veiga: de olho no Governo de Minas



Para Simon, sobram os frangalhos do PMDB no Sul

Na Bahia, o PT ganhou, mas não tem lideranças representativas para disputar o Governo do Estado — que o Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, quer de volta. O fato é que ninguém ficou com lugar já garantido.

Dos Governadores do PMDB, quem perdeu menos com a sucessão presidencial foi Miguel Arraes, de Pernambuco, que se uniu a PT. Mas ganhou para não levar, porque o seu

partido, o PMDB, já aposta, há muito tempo, em Jarbas Vasconcelos para disputar o Palácio das Princesas — quer Arraes queira ou não. O Deputado Fernando Lyra, Vice na chapa de Leonel Brizola, não saiu muito bem dessa disputa, porque não levou para o PDT o maior número de votos de seu Estado. Roberto Freire, do PCB, apesar de ser pernambucano, pode acabar até como solução para o PCB disputar o Governo do Rio de

Janeiro, por ter conseguido prestígio para o partido com sua atuação.

O Distrito Federal não vai inaugurar apenas o exercício dos dois turnos na eleição para Governador. Em 1990, a Capital da República terá, também, a sua primeira eleição direta. A lista de candidatos, divididos por diferentes partidos, é grande. Mas o PT, que foi o grande vencedor em Brasília, ainda não tem um nome certo. O economista Lauro

Campos, que teve uma expressiva votação para o Senado — e não levou por causa da sublegenda —, seria o candidato natural do partido. No entanto, em setembro, ele declarou que se afastaria da política e depois disso teve um enfarte, embora continue sendo uma esperança para o PT. O empresário Paulo Otávio Pereira e a Deputada Márcia Kubitschek figuram como candidatos do PRN.

18-6-89

1-12-87